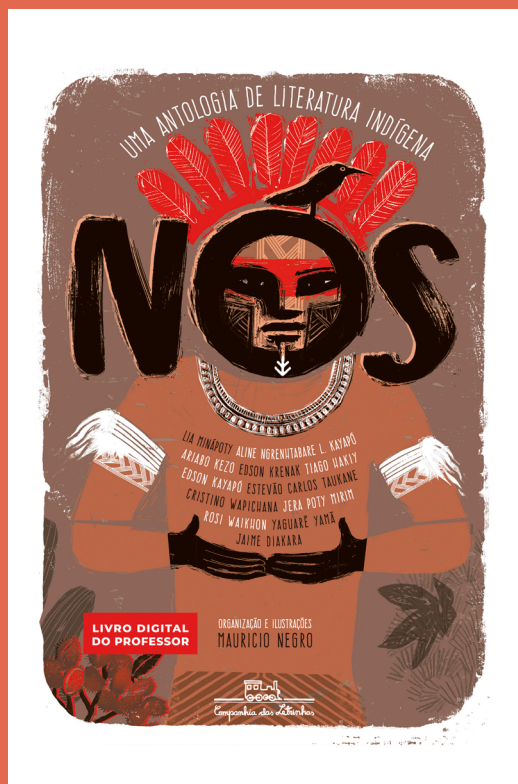


Material de apoio ao professor



LIVRO

Nós: uma antologia de literatura indígena

AUTORES

Lia Minápoty
Aline Ngrenhtabare L. Kayapó
Ariabo Kezo
Edson Krenak
Tiago Hakiy
Edson Kayapó
Estevão Carlos Taukane
Cristino Wapichana
Jera Poty Mirim
Rosi Waikhon
Yaguarê Yamã
Jaime Diakara

ORGANIZADOR E ILUSTRADOR

Mauricio Negro

CATEGORIA 1

Obras literárias do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

TEMAS

O mundo natural e social
Encontros com a diferença
Diálogos com a história e a filosofia

GÊNERO LITERÁRIO

Conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular

AUTORIA

Juliana dos Santos Piauí
Especialista da Comunidade Educativa CEDAC

COORDENAÇÃO

Sandra Murakami Medrano
Coordenadora da Comunidade Educativa CEDAC



Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Ana Luiza Couto

Sumário

Carta ao professor	4
Estrutura do material de apoio	5
Contextualização	5
Quem escreveu, ilustrou e organizou essa obra	8
Gênero e estilo	9
Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental	13
Conversas em torno da leitura dessa obra	16
Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa	18
Atividade 1: Primeiras aproximações com a obra	18
Pré-leitura	19
Leitura	19
Pós-leitura	20
Atividade 2: Uma imersão na obra	22
Pré-leitura	22
Leitura	23
Pós-leitura	25
Atividade 3: <i>Nós: Uma antologia de literatura indígena</i> e os conhecimentos que se ramificam	25
Pré-leitura	25
Leitura	26
Pós-leitura	26
Possibilidades interdisciplinares	27
Bibliografia comentada	29

Carta ao professor

Cara professora, caro professor,

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, por fornecer múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive. Bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e oferecem ao leitor variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (2002, p. 21). Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental uma experiência que toca, atravessa e transforma o leitor — e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido por especialistas em educação, literatura e didática da leitura, sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. Na produção deste material, houve cuidado de contemplar a análise dos aspectos literários da obra e de propor situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões sobre a obra e seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — nesse caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DE APOIO

Este material visa apoiar o trabalho com o livro *Nós: uma antologia de literatura indígena*. As propostas aqui apresentadas são apenas sugestões de encaminhamento para os principais temas da obra e os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura. Ele está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** informações importantes sobre a obra, os autores, o organizador e ilustrador, o gênero e as características do estilo literário.
- **Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura desse livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora dos estudantes, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).
- **Conversas em torno da leitura dessa obra:** indicações relacionadas às práticas pedagógicas de leitura na escola, considerando as concepções que embasam a formação do leitor e o objeto de ensino da Língua Portuguesa.
- **Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa:** três propostas para encaminhar a apreciação do livro em sala de aula, com atividades organizadas em pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura.
- **Possibilidades interdisciplinares:** sugestões para ampliar a apreciação da obra e o aprofundamento dos temas, relacionando com outras áreas do conhecimento.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras citadas no material, com breves comentários.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Como foi fluir nesse rio vigoroso e repleto de histórias que *Nós: uma antologia de literatura indígena* oferece?

Assinada por doze autores indígenas e ilustrada e organizada por **Maurício Negro**, a obra reúne dez recontos permeados de sabedoria, encantos e mistérios. São histórias bastante plurais, que abarcam dimensões significativas da vida em coletividade: a amizade, o amor, o cuidado e a cumplicidade; a interação do mais velho com o mais novo; a relação com a natureza; a maternidade; o ciclo de vida e morte; a origem de elementos como o açaí, a terra, o fogo, “os mares, rios, lagos, igarapés e lagoas” (p. 84). E também histórias que narram conflitos, enganos, esperteza e tragédia.

Ao percorrer as páginas do livro, somos convidados a fazer paragens por diferentes lugares e a ouvir as histórias que florescem neles. São narrativas que trazem elementos simbólicos, culturais, sociais, espirituais e afetivos próprios de cada povo indígena, enredando o leitor em histórias que passam a morar também dentro dele.

Por isso, embora as narrativas representem culturas locais, suas amplitudes traduzem dimensões mais abrangentes da experiência humana. Talvez isso tenha a ver com nossa própria condição de seres humanos, não é? Você já imaginou como seria viver num mundo desprovido de histórias? Como construiríamos memórias? Existiria lugar para a fabulação? Provavelmente não, pois as ficções são justamente o que nutre nossa humanidade com sonhos e devaneios, que nos permitem inventar o tempo, trazer o passado ao sabor do presente e imaginar futuros possíveis.

Esta obra nos convida, portanto, a um gesto ancestral: ouvir histórias. Ouvir histórias pelos afluentes narrativos dos povos originários.

E você deve ter percebido como os recontos trazem a lume perspectivas mais integradoras entre os seres humanos e os demais seres da natureza (os animais, as florestas, as montanhas, as terras, os rios, entre outros). No paratexto aos estudantes (**Conversando sobre a obra**, p. 127), explicamos que é uma relação baseada na reciprocidade, que confronta o antropocentrismo, concepção em que a humanidade é considerada o centro do universo.

Ao fim de cada reconto, há um texto informativo que apoia e amplia nosso entendimento sobre aspectos geográficos, históricos, culturais, sociais, espirituais, ritualísticos e linguísticos de cada povo, ou seja, a cosmologia de cada um deles. Há também um glossário com as expressões que apareceram na língua materna de cada povo nos recontos, com a respectiva tradução para o português. Ao término de cada história, aparece ainda a biografia de quem a recontou.

A narrativa visual foi feita por Mauricio Negro, que exprime nas imagens o vigor narrativo presente em cada reconto. E o resultado desse encontro é uma obra consistente e orgânica.

Esta antologia contribui para a ampliação das identidades culturais dos povos indígenas, uma vez que os apresenta sob perspectivas afirmativas. São os povos indígenas as testemunhas oculares das histórias, do cotidiano, da relação com o tempo e o espaço, com os seres e os espíritos da natureza.

Trata-se de um livro relevante para leitores de todo o Brasil, pois acessar narrativas que foram historicamente silenciadas e desvirtuadas é uma forma de compreendermos a *nós mesmos* — um exercício de revisão necessário que passa pela recomposição de vínculos com nossa própria história, tão marcada por uma tradição colonial de Estado que se estruturou no racismo e na discriminação, gerando negligência, exclusão e opressão.

As artes literárias são fios sensíveis e coloridos capazes de tramar outras costuras, texturas e nuances de sentido para a experiência comum entre *nós* e os demais seres viventes da Terra.

E aqui já temos um indício de por que a obra traz como título esse termo tão polissêmico e polifônico. Lembra a ideia de um “nós” como parte integrante e indissociável uns dos outros e da natureza (sendo também constituído por essa matéria). E nos remete a nossos conflitos e traumas, herança e projeção de como historicamente o Brasil, mas não somente ele, construiu e segue construindo relações que vilipendiam nossa continuidade no planeta.

E ainda, “nós” alude àqueles que vêm resistindo e investindo há tempos em estratégias de luta, de sobrevivência e de celebração da vida, buscando reatar e revigorar constantemente os elos desse tecido social e cosmológico esgarçado.

Ao ter contato com o livro, o leitor é enleado em outras formas de significação do cotidiano, da realidade e do que é comunitário.

Em vez de cristalizar ideias de um mundo perfeito, a obra é abastecida de símbolos, ritos, singeleza, mistérios, segredos e revelações, algo que nos recorda do ativo interno simbólico e afetivo tão necessário aos redesenhos de nossos tempos: o sonho, a liberdade e a coletividade como expressão do que constitui o sujeito, considerando a mutualidade que reside entre o *eu* e o *nós*.

São recontos que dizem do tempo da fundação, evocando, em alguns casos, tempos pretéritos à própria existência da vida humana. É como se nos considerassem mais um membro de uma comunidade planetária. Por serem histórias que envolvem um tempo de longa duração, podemos presumir o cuidado, o respeito e o reconhecimento como ingredientes fundamentais à continuidade dessas existências. A expressão “parente”, usada entre muitos povos indígenas, de certa forma designa esse sentido de relação.

Assim, *Nós: Uma antologia de literatura indígena* é um livro em que o tempo assume uma dimensão espiralada, em que passado, presente e futuro se interconectam. Esse princípio se corporifica sobretudo na relação entre o velho e a criança; o ancestral e a renovação da vida. Se para muitos povos os mais velhos, dada sua sabedoria, são mediadores de diálogos com os seres encantados, para outros, como os Guarani Mbyá, as crianças também têm canal direto para conversar com os espíritos da natureza, através do canto.

Falando nisso, sem pretender construir ideários, a obra abre veredas para concepções de crianças — as infâncias indígenas aparecem permeadas de brincadeiras, interações com os mais velhos, ritualidades, observação e aprendizagem, e de uma vida em comunidade.

Também a mulher, em alguns contos, é concebida como signo de fertilidade e abundância, sugerindo uma relação simbiótica entre ela e a terra. Isso se expressa, por exemplo, no conto do povo saterê-mawé (“os filhos do guaraná”), em que a formosa Yacy é oferecida ao criador como forma de restabelecer a fartura na aldeia.

Entretanto, vale dizer que, assim como em inúmeras tradições, nas culturas indígenas as relações de gênero vêm sendo revisitadas como forma de entender até que ponto organizações sociais lastreadas pela divisão de gênero reificam o machismo nessas culturas.

Esse é um debate promovido por autoras como Aline Kayapó, Aline Pachamama, Auritha Tabajara, Denízia Kawany Fulkaxó, Djuena Tikuna, Eliane Potiguara, Fernanda Vieira, Graça Graúna, Julie Dorrico, Lia Minápóty, Márcia Kambeba, Maria Kerexu, Shirley Krenak, entre outras. Elas têm insurgido suas vozes como forma de enunciar e anunciar a fertilidade da produção artística literária das mulheres indígenas nesse território literário.

QUEM ESCREVEU, ILUSTROU E ORGANIZOU ESSA OBRA

Essa obra é assinada por doze escritores: **Aline Ngrenhtabare L. Kayapó e Edson Kayapó; Tiago Hakiy; Yaguarê Yamã e Lia Minápóty; Rosi Waikhon; Ariabo Kezo; Cristino Wapichana; Jaime Diakara; Jera Poty Mirim; Edson Krenak; e Estevão Carlos Taukane.** Todos eles são descendentes de povos originários deste território nomeado Brasil desde os idos de 1500.

O nome étnico aparece como sobrenome desses autores para denotar um movimento insurgente de autodeterminação dos povos indígenas em face dos imperativos do ser branco em atribuir-lhes nomes que, muitas vezes, trazem estereótipos. Assim, ao se *autodenominar*, os indígenas tensionam a histórica prática engendrada no sistema cultural colonial e escravocrata brasileiro de atribuir nomes ao referido Outro.

Além disso, autodenominar-se é uma maneira de recobrar a pluralidade ancestral, social, cultural, espiritual e linguística dos povos e entre os povos, desmistificando ideias que tendem a concebê-los como bloco único.

Assim, sugerimos que você conheça cada um dos autores que participam desta antologia. Há informações sobre o povo do qual descendem, sua geografia de vida (onde nasceram, lugares por onde passaram e onde residem atualmente), sua trajetória profissional, acadêmica e ativista. Muitos são escritores, principalmente de gêneros como contos, poemas e literatura para crianças e jovens, e já receberam premiações, como no Concurso FNLIJ/UKA Tamoiós de Textos de Escritores Indígenas, além de menções honrosas pelas obras.

Alguns dos autores são também contadores de histórias, ilustradores, educadores ou acadêmicos de áreas ligadas à linguística, literatura e educação. É bastante comum entre eles o desejo de contribuir para a desconstrução de estereótipos em torno dos indígenas, sendo a produção literária uma vereda tanto para o fortalecimento da infância e da juventude indígena como para que não indígenas abandonem ideias estreitas na sua forma de imaginar os povos originários.

A empreitada deste livro contou com a parceria de Mauricio Negro, que organizou e ilustrou a obra. Além de artista, ele é pesquisador, escritor e *designer*, atuando especialmente na gestão e na consultoria de projetos com vieses identitários e socioambientais, ligados à diversidade brasileira. É também coordenador do Negro Design Studio.

Mauricio já recebeu diversos prêmios e certificações, como o White Ravens, o prêmio literário internacional Noma, o Jabuti, entre outros. Ele soma em sua trajetória profissional

inúmeros títulos que escreveu e ilustrou, como *A palavra do grande chefe* (em parceria com Daniel Munduruku, 2007) e *Balaio de gato* (2000).

Como homem branco, Mauricio Negro não se furta da responsabilidade de contribuir para a construção de um mundo mais ancorado na equidade, na dignidade, na pluralidade e na justiça social. E reconhece na cosmologia dos povos originários e afro-brasileiros horizontes que podem guiar nosso destino como humanidade.

GÊNERO E ESTILO

Nós: uma antologia de literatura indígena é um livro de **contos**. Trata-se de um gênero conciso em que a imaginação, a fantasia, o insólito e o misterioso convivem com o cotidiano e o trivial.

A forma canônica de explicar esse gênero indica que o conto tem um narrador, personagens, um enredo, um clímax e pontos de vista — elementos comuns a outros gêneros, como o romance e a novela, que no entanto apresentam maior extensão textual.

Julio Cortázar é bastante crítico às tentativas feitas por alguns estudiosos de literatura de adequar diversas composições de contos às convenções do gênero. Para o escritor argentino, é possível fazer uma “aproximação apreciadora” com base em elementos constantes que dão corpo a um tipo de gênero inclassificável e “tão esquivo nos seus múltiplos e antagônicos aspectos, e, em última análise, tão secreto e voltado para si mesmo, caracol da linguagem, irmão misterioso da poesia em outra dimensão do tempo literário” (2006, p. 149).

Cortázar recorda ainda que o conto nasce numa época em que supostamente todas as coisas podiam ser explicadas, apuradas e descritas pela razão, em que o realismo imperava através do otimismo filosófico e científico do século XVIII. Isso “dentro de um mundo regido mais ou menos harmoniosamente por um sistema de leis, de princípios, de relações de causa a efeito, de psicologias definidas, de geografias bem cartografadas” (ibid., p. 148).

Para o autor, é como se os contos surgissem à margem das leis firmadas pelo realismo e pela veracidade dos acontecimentos, emitindo nas porosidades dos textos outros relevos em que o mágico, o ambíguo e o fabuloso evadissem pelas frestas do corriqueiro.

Quanto à comparação entre o romance e o conto, Cortázar menciona que o romance está para o cinema como o conto está para a fotografia:

[...] um filme é em princípio uma “ordem aberta”, romanesca, enquanto que uma fotografia bem realizada pressupõe uma justa limitação prévia, importa em parte pelo reduzido campo que a câmara abrange e pela forma com que o fotógrafo utiliza esteticamente essa limitação. [...] O fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de aber-

tura, de um fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto (ibid., p. 151-152).

Esta antologia dialoga com os elementos apontados por Cortázar, uma vez que o invisível e o visível, a encantaria e o real, o sonho e a realidade, o mistério e a revelação convivem e se expressam de diferentes formas no cotidiano das aldeias, com as lideranças espirituais como principais condutoras desse elo. E esse pluriverso simbólico não é colocado sob suspeita, tampouco habita apenas um passado longínquo: ele faz parte do cotidiano comunitário dos personagens.

A obra organizada por Mauricio Negro não segue as convenções do gênero conto. Além disso, como os gêneros literários são construções históricas e culturais, é preciso cuidar para não encaixarmos as literaturas indígenas em certos parâmetros canônicos ocidentais. Até porque a ideia de gênero literário é algo que se metamorfoseia de tempos em tempos, revelando sua natureza fluida e indomável.

Nas histórias, percebemos o uso da palavra “reconto”, possivelmente para lembrar a natureza oral e coletiva contida nelas. O reconto é uma prática social caracterizada pela reconstrução ou pela ressignificação oral de um conto preexistente: uma narrativa inaugural se transmuta com o tempo à medida que os sujeitos e as comunidades circulam histórias entre seus membros. Embora tais transformações ocorram na forma e no conteúdo narrado, há certos princípios, valores e fundamentos em sua performance narrativa que são conservados, permitindo que a narrativa seja reconhecida pela comunidade que lhe atribui sentido.

Além do gênero conto, essa antologia apresenta marcas do gênero **mito**, pois se abre ao tempo primordial, ou seja, ao princípio das coisas, suscitando o quanto essa memória ancestral se faz presente no momento contemporâneo.

O trecho em que o velho desana narra a seus netos a criação da Terra reflete essa ideia: “Assim era o mundo antes da formação da Terra e da transformação da humanidade” (p. 82). O personagem ainda aconselha as crianças a ouvirem atentamente a história para que possam repassá-la:

Porque um dia serão vocês a contar para os seus filhos. E depois, seus filhos contarão para os seus netos. E a história vai vingar de geração em geração, porque é parte de nosso corpo material e espiritual, como nossos ancestrais consideravam os grandes mistérios e segredos que *Umũĩ Ñekũ*, o Avô do Universo, usou na criação da Terra para sustentar a vida (p. 81-82).

Os povos indígenas que aparecem no livro alimentam essa relação entre passado e pre-

sente e, por meio de cerimônias, rituais, sonhos e outras simbologias, mantêm vivos seus vínculos com os ancestrais e a conexão com os espíritos da natureza.

Isso fica bastante visível em “Wató, a pedra do fogo”, conto do povo taurepang, que se autodesigna pemon (“povo” ou “gente”). Devido à descoberta do fogo, que permite aos Taurepang cozinhar e se aquecer, “uma grande fogueira e celebração com danças e cantos na aldeia têm ocorrido até os nossos dias” (p. 74).

Assim, partilhar histórias entre os membros da comunidade — algo que envolve em especial o encontro, a escuta sensível e o estado de presença — é uma forma de ressignificar a presença na Terra. E é também um ato de resistência à ideia de um progresso e um desenvolvimento que, desde o passado colonial, vêm expropriando sujeitos e comunidades inteiras de sua própria vida e destino.

Em algum momento você se sentiu enredado por essas histórias? Como se estivesse ouvindo as narrativas diretamente na voz dos mais velhos?

Isso pode ter acontecido pela maneira como os autores teceram, por meio da escrita, os fios narrativos que dão sentido às histórias de mistérios, segredos e revelações que envolvem deuses, heróis e outros elementos da natureza na configuração do mundo.

É muito interessante como cada autor, ou dupla de autores, lavra um “chão” de palavras e imagens — ao mesmo tempo similar e distinto — para evocar as histórias. Isso significa dizer que, para além de transcreverem narrativas que são contadas secular ou milenarmente de forma oral, eles imprimem suas marcas e estilo na obra, tramando diálogos criativos entre tradição e imaginação por meio da linguagem escrita.

Algumas marcas estéticas e literárias presentes nos contos, entre tantas outras: os detalhes usados para descrever uma cena; o tempo narrado que reporta ao passado e sua relação com o presente; o tipo de narração, que varia entre primeira e terceira pessoa; o suspense criado antes de anunciar mudanças no transcurso narrativo; a linguagem poética adotada em maior ou menor medida; os termos em língua materna de cada povo; as figuras de linguagem, como metáforas e aforismos; as metamorfoses entre humanos e não humanos; os elementos que denotam cosmovisões dos povos; a forma de prenunciar conflitos; expressões que atestam a veracidade do mito no presente; a intertextualidade entre os contos; a linguagem poética para aludir à passagem do tempo.

Entretanto, essas marcas aparecem com tonalidades e composições distintas nos contos. Se, em “Os raios luminosos”, o leitor é convidado a ter contato com um desfecho narrativo apaziguador, em “Kaudyly Umenobyry, nos primórdios dos tempos”, depara-se com um fim trágico. Se num conto como “Jibikí Porikopô, o furto da panela de barro” o tempo do enredo está localizado no passado, em “Amor originário” são fortes os indícios de que a história acontece no tempo presente.

Assim, tal qual a argila, as linguagens estético-literárias que moldam as histórias no livro traduzem o ofício empregado pelos autores na arte de dar forma e intensificar o poten-

cial de significação a essas narrativas ancestrais. E, considerando que elas refletem culturas originárias, é possível notar como são repletas de potencial estético, dada a pujança de referenciais simbólicos, iconográficos, imagéticos e poéticos que designam os modos de ver, viver e conviver dos povos indígenas.

Contribuiu com a potência estético-literária da obra a maneira como Mauricio Negro costurou sua trama narrativa visual. Logo nas primeiras páginas, aparece o urucum. E você deve ter percebido que o vermelho dessa planta marca forte presença nas imagens que compõem o livro.

O que acontece quando você abre e observa, uma a uma, as duplas de páginas que funcionam como divisores dos contos? Você percebeu a imagem que elas formam, viu o rio em movimento? Observou as espécies que habitam nele (peixes, jacaré, capivara)? Notou nesse transcurso o movimento do pássaro? E do tempo que, tal qual o rio, flui? Que sensação essas imagens sobre o tempo provocam em você? É de um tempo que passa rápido ou de um tempo dilatado? E a transição do tempo a partir dos efeitos do claro e do escuro, indicando o dia que nasce, a tarde que pouso e a noite que chega? Mauricio faz tudo isso com recursos visuais e gráficos que marcam uma temporalidade regida pelo Sol e pela Lua. Como foi o mergulho nessas sutilezas? E a transição das paisagens? Reparou como o bioma vai mudando à medida que navegamos o rio? Em diálogo com o texto verbal, as imagens conduzem o leitor-navegador-fruidor por águas que atravessam a Floresta Amazônica, o Cerrado e a Mata Atlântica. Não é genial?

O vermelho do urucum parece tingir as arrebatadoras paisagens de Mauricio Negro, oferecendo organicidade e beleza à obra. É um rio que evoca o tempo. É o tempo que evoca a ideia de ciclo ecológico da vida. É o ciclo que invoca a noção de águas vivas e contínuas.

Observe a fisionomia das árvores que aparecem logo na primeira página dupla (p. 12-13): não lembra a imagem imponente do homem indígena que aparece na capa? E ele traz no peito o nome de todos os autores que assinam a obra. Como interpretar esse gesto criativo do ilustrador? Mais uma vez deparamo-nos com o sentido de “nós”, palavra destacada no título e que recobra a experiência partilhada pelos autores na produção do livro.

E observamos que o fio de rio imagético que transcorre todo o corpo narrativo traz consigo outras imagens, que parecem ser uma espécie de síntese de cada reconto. Mauricio concebeu as ilustrações para os recontos com base numa pesquisa minuciosa dos referenciais iconográficos e simbólicos que envolvem a tradição de cada povo. E para fazê-las usou uma paleta de cores que remete à pintura corporal tradicional. Destacam-se, nas imagens, o preto, que lembra a tintura de jenipapo e carvão, e o vermelho e o laranja, que aludem ao urucum.

É interessante como as imagens invocam o espírito de cada reconto, imprimindo nas páginas a difícil tarefa de transpor uma experiência singular que só costuma ocorrer de corpo presente, numa roda, quando somos povoados por histórias.



A técnica usada por ele chama-se **monotipia**. O ilustrador foi fazendo camadas e mais camadas de imagens independentes e as digitalizou separadamente. Ao final dessa composição, fez os acabamentos e os incrementos de cores. Tudo isso de forma digital.

Na entrevista “Dos vários nós que enredam as literaturas indígenas” (2019), Mauricio Negro conta mais sobre esse processo criativo.

Por que ler essa obra no 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

Essa obra é essencial para a trajetória leitora dos estudantes. São narrativas milenares ainda pouco conhecidas que podem ampliar sua visão de mundo com uma preciosa seleção de recontos refletindo a pluralidade cultural indígena brasileira.

Ao trazer para o centro da obra histórias de diferentes povos indígenas escritas por autores indígenas, essa antologia traz para o objeto histórico colonial “livro” um importante gesto de **resistência** protagonizado por pessoas que, durante séculos, tiveram as vozes silenciadas e as histórias mal contadas. Povos que, embora fossem os nativos da terra, foram tratados como sendo o Outro. Imaginem como é ser considerado estrangeiro estando na própria casa...

E ao trazer como um de seus temas os **encontros com a diferença**, mostrando que as diferenças são uma invenção social que só existe numa relação de comparação, essa obra se mostra uma potente fonte de interlocução com os estudantes.

Durante muito tempo, o sujeito branco europeu criou para si a imagem de que seria o centro da humanidade, como se somente ele tivesse conhecimento, história e linguagem. Essa maneira de se autorreferenciar fez com que, ao olhar para o restante da humanidade, não reconhecesse outras pessoas como seus semelhantes, e por isso passou a denominá-las com termos que lhe eram exteriores. Tudo isso marcou muito nossa história e tem gerado inúmeras violências, desigualdades sociais, racismo, preconceitos e exclusão.

Dessa forma, a acepção de *diferenças* aqui não tem conotações históricas que criaram assimetrias entre sujeitos e grupos sociais atribuindo-lhes maior ou menor valor. Ao contrário, vai ao encontro da ideia da pluralidade como algo positivo, ao reconhecer as “diferentes maneiras de ser, pensar, (re)agir, sentir e, pelo confronto com o que é diverso, desenvolver uma atitude de valorização e de respeito pela diversidade” (BRASIL, 2018, p. 156), algo previsto na habilidade EF69LP44* da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Com isso, podemos dizer que esta obra apresenta potencial para que os estudantes e os educadores possam exercitar em seu cotidiano o princípio da *alteridade*, que considera reconhecer a humanidade que reside no outro como algo que existe em si próprio.

Além do mais, *Nós: uma antologia de literatura indígena* imprime um gesto de revisão importante à história nacional brasileira, revelando-nos como certas narrativas foram marginalizadas em detrimento de um pretenso sistema de valores, crenças e costumes dominante que se impôs no país.

Isso porque, ao entrarmos em contato com esta obra e dialogar sobre ela com outros leitores, podemos conhecer mais as expressões culturais que fazem parte do Brasil. E esse é o tipo de conhecimento necessário para entender melhor nosso passado e guiar de forma mais consciente nosso destino como coletividade humana. Tal debate nos remete a outra temática presente no livro: **diálogos com a história e a filosofia**.

Portanto, este livro surge como um alerta urgente às estreitas concepções de mundo. Aqui se pode traçar um diálogo com alguns Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), especialmente com os da macroárea **multiculturalismo**, a qual aponta para a necessidade de que a **diversidade cultural** e a **educação para valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras** sejam assuntos que componham o currículo escolar.

Além disso, a apreciação desta obra possibilita reflexões sobre o tema **o mundo natural**

* (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

e social, pois vivemos um momento da humanidade em que os modos de vida dominante poderão exaurir a condição da vida de muitas espécies e ecossistemas no planeta. E nessa contracorrente encontramos inúmeras evidências históricas de que as culturas tradicionais ameríndias têm mantido relações mais construtivas com a natureza, ao se reconhecerem como parte integrante dela. Ocorre que, com o avanço de monoculturas associadas a práticas expansionistas exploratórias da natureza e de seres humanos, muitos povos estão ainda hoje sob ameaça, suscetíveis aos perigos impulsionados pelos cercos do capitalismo. Isso vem repercutindo na forma de inúmeras violações de direitos — como restrições à permanência na terra e ao acesso à saúde, à cidadania e à educação — e de morticínios físicos e simbólicos (cultural, linguístico, espiritual, alimentar, dos saberes, das ciências, entre outros).

Assim, um projeto de sociedade que associa o progresso e o desenvolvimento ao consumo exacerbado de mercadorias e a qualidade de vida à aquisição de poder e dinheiro, que reduz as fontes naturais (minerais, águas e florestas, por exemplo) a meros fatores de produção, que converte a terra, que é um bem comum, em propriedades exclusivas, que extrai a vitalidade de seu povo para produção de lucro excedente e riqueza, tudo isso induz o país a uma degradação constante, cujos efeitos estamos sentindo no presente e repercutirá profundamente nas próximas gerações. De acordo com o filósofo e ativista Ailton Krenak (2019), para a continuidade da vida no planeta, é preciso suspender o céu:

Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades (2019, p. 15).

Ao trazer esta obra para a escola, não há como intenção reduzir a força dos recontos a preceitos utilitaristas e moralizantes. Inclusive, não é essa a função da literatura, como é *ressaltado* nas competências específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental, em especial a primeira*, que ressalta a linguagem como expressão de subjetividades e identidades, e a quinta**, sobre a importância do desenvolvimento do senso estético.

* 1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais (BRASIL, 2018, p. 65).

** 5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas (BRASIL, 2018, p. 65).

A apreciação desta obra com estudantes do 6º e 7º anos é uma oportunidade de desenvolver também competências gerais da Educação Básica relacionadas sobretudo ao conhecimento, ao repertório cultural e à empatia (competências 1, 3 e 9*).

As bases conceituais da BNCC reforçam o objetivo de formar o leitor-fruidor, que está preparado para perceber com mais clareza a condição estética da leitura literária e para explorar as múltiplas camadas de sentido do texto ficcional, analisando os recursos adotados pelo escritor para construir configurações de tempo e de espaço e criar seus personagens:

Para que a função utilitária da literatura — e da arte em geral — possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor — e, portanto, garantir a formação de — um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura (BRASIL, 2018, p. 138).

Nas próximas seções, buscaremos oferecer algumas orientações e dicas de como isso pode ser feito.

Conversas em torno da leitura dessa obra

Este material oferece algumas recomendações para ampliar conversações em torno de *Nós: uma antologia de literatura indígena*, além de sugerir alguns caminhos para tornar a obra um objeto afetivo e efetivo nos processos de sociabilidade entre estudantes, educadores e comunidade escolar. Todavia, lembramos que compete ao professor e à escola decidirem as trilhas mais adequadas para o destino desejado.

O ponto de partida para que isso aconteça é o estudo da obra. Durante a leitura das histórias, que ideias e observações surgiram e podem ser elementos pertinentes para discutir e analisar com os estudantes? Foi possível registrar esses aspectos, que podem ser incluídos em seu planejamento de aula?

* 1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 2018, p. 8).

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural (BRASIL, 2018, p. 8).

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 9).

Vale mencionar que a formação de leitores requer a criação de um ambiente regado a escuta e trocas, e que, portanto, considere o repertório, as trajetórias leitoras, os pensamentos e as sensações, as hipóteses e as inferências da turma. Pressupõe ainda um espaço aberto para dúvidas, argumentações e contrapontos, para mistérios e desvendamentos, para intertextualidades com outros livros ou linguagens artísticas. Essa é uma maneira de contribuir com a formação de leitores críticos e sensíveis que não ficam passivos diante de um livro.

Planejar situações de leitura, releitura e conversas diversas é algo que requer organização do tempo por parte do professor, a fim de possibilitar a construção e a ampliação de habilidades e competências leitoras. É interessante criar situações diversas: os estudantes podem ouvir a leitura de alguns trechos feita em voz alta pelo professor, acompanhando-o com o livro em mãos; eles podem ler com maior autonomia, detendo-se nas páginas que escolherem, indo e voltando, conforme necessário; podem ainda partilhar impressões entre si, ampliando suas percepções e estabelecer relações com outras obras. Esses são exemplos de *comportamentos leitores* a serem aprendidos pelos estudantes.

Delia Lerner, pesquisadora argentina, explica que os comportamentos leitores são “conteúdos — e não tarefas, como se poderia acreditar — porque são aspectos do que se espera que os alunos aprendam, porque se fazem presentes na sala de aula precisamente para que os alunos se apropriem deles e possam pô-los em ação no futuro” (2002, p. 62).

Aliás, o professor, ao compartilhar com os estudantes suas próprias percepções sobre o livro, destacando elementos específicos e os convidando a fazerem o mesmo, está atuando como referência de leitor, mobilizando a apreciação estética da obra.

As perguntas feitas nesses momentos pelo professor são fundamentais para abrir espaço para uma conversa aberta e crítica, que não induza a respostas previsíveis e únicas, mas que incentive questionamentos — construindo assim um ambiente “de leitor para leitor”, como indica Lerner.

Vale destacar que as situações de leitura não podem ser encaradas como atos mecânicos. São momentos de socialização e construção de vínculos, não somente com os livros, mas também entre os estudantes e entre eles e os mediadores. Assim, é essencial pensar num ambiente leitor acolhedor — o espaço, os livros e as relações pessoais que ali se estabelecem.

As propostas presentes neste material pretendem ainda incentivar momentos de **interação verbal** nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, ampliar o contato com as diferentes linguagens e desenvolver uma construção coletiva da compreensão do que se lê.

É importante ressaltar que a leitura de um livro literário é uma experiência em si. Nesse sentido, a apreciação estética do texto e das ilustrações proporcionada pela leitura, bem como a conversa e a troca de impressões com outros leitores, já permitem muitas aprendizagens aos estudantes.

Neste material, apresentamos algumas ideias para explorar a obra nos momentos da *pré-leitura* e da *pós-leitura*, além de sugestões para a interação durante a *leitura*. São sugestões que podem ser ajustadas levando em conta as necessidades, os conhecimentos e a rea-

lidade da turma, bem como o contexto sociocultural no qual vocês se encontram. E podem ser revistas e ajustadas à luz das intencionalidades educativas previstas.

Reforçamos a importância de que a prática educativa seja ancorada por estudo, pesquisa e planejamento, e que os sentidos do professor estejam porosos ao acolhimento das necessidades cotidianas da turma. E lembramos que isso deve acontecer num ambiente mais abrangente que a sala de aula, para que diferentes atores da comunidade escolar construam convergências em torno de um projeto democrático de escola. Assim, a responsabilidade pela formação de leitores passa a ser uma tarefa compartilhada, e não apenas do professor.

Em seu planejamento de leitura e conversação sobre a obra, o professor pode considerar, entre outras coisas:

- o mapeamento de diferentes *chaves de leitura*, conceito que corresponde ao modo como escolhemos adentrar em um livro a partir do que consideramos essencial ao entendimento da narrativa (BAJOUR, 2020). Isso pode se tornar acessível a partir das “pistas” verbais, visuais, simbólicas, contextuais e autorais presentes na obra;
- as potenciais dificuldades e facilidades na fruição estética da obra com os estudantes;
- o estudo sobre os autores, o ilustrador e organizador;
- o contexto histórico, social e cultural em que o livro foi escrito e publicado;
- diálogos com outras obras de artes (livros, cinema, músicas etc.), seja pelas formas estéticas literárias que o livro engendra, seja pelo conteúdo e pelos temas ensejados;
- as modalidades de leitura: leitura em voz alta pelo professor, leitura compartilhada em voz alta pelos estudantes, leitura autônoma? Outro tipo? Para essa decisão, é preciso ter em vista a intencionalidade da leitura.

Propostas de atividades: Esse livro e as aulas de Língua Portuguesa

ATIVIDADE 1: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES COM A OBRA

O conjunto de propostas que compõem esta atividade contempla especialmente as habilidades EF69LP44* e EF69LP49** da BNCC, dada a interação entre literatura e visão de mundo

* (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

** (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas,

dos sujeitos, além da recepção de textos que apresentem desafios aos estudantes a partir do universo de expectativas das obras e de suas marcas linguísticas.

PRÉ-LEITURA

Antes de iniciar a leitura de *Nós: uma antologia de literatura indígena*, você pode propor uma roda de conversa para levantar o repertório de narrativas indígenas conhecidas pelos estudantes. Também será uma oportunidade de reconhecer algumas representações deles sobre o assunto.

Algumas perguntas que podem guiar esse momento: Que história(s) indígena(s) a turma conhece? Como essa(s) história(s) chegou(aram) até vocês? Vocês sabem qual(is) povo(s) narra(m) essa(s) história(s)?

Caso a turma não conheça histórias indígenas, compartilhe narrativas que revelem entendimentos do senso comum ou até mesmo narre histórias em que os personagens indígenas apareçam de forma lateral ou estereotipada. É importante acolher essas informações como dados relevantes para a conversa. Além de tentar entender o que o grupo já sabe, a intenção é eventualmente reconhecer por que há pouco conhecimento dessa literatura. Assim, é fundamental se preparar para essa mediação.

É interessante que os estudantes se aproximem da dimensão oral das narrativas indígenas, as quais foram transmitidas de geração em geração por meio da arte de contar histórias.

LEITURA

Você pode começar a ler a obra instigando a turma a uma conversa sobre alguns índices presentes na capa e na quarta capa do livro, como título, autoria, ilustração e texto da quarta capa.

- Observando a capa, o que será que vamos encontrar neste livro?
- Por que será que a obra se intitula *Nós: uma antologia de literatura indígena*?
- Repararam na quantidade de autores? Por que será que o ilustrador optou por deixar o nome deles próximo ao peito do personagem?
- E quem será esse personagem? O que vocês imaginam a respeito dele?
- Vocês conhecem outros livros em que há diversos autores? (Aqui, é possível lembrá-los de que se trata de uma antologia.)
- Quem serão esses autores? E o ilustrador e organizador?

que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (BRASIL, 2018, p. 159).

Você pode compartilhar com o grupo algumas informações levantadas antecipadamente sobre as questões acima ou ainda destacar aspectos do paratexto (**Conversando sobre a obra**, p. 127).

Com isso, a turma pode adentrar a obra observando seus primeiros índices: o título com um pássaro (p. 1) e um galho de urucum (p. 5). Leiam o sumário para conhecer o título de cada reconto. É fundamental que todos, professor e estudantes, se desafiem a ler as palavras que aparecem na língua materna de cada povo, indo e voltando nessa leitura o quanto for necessário.

Em seguida, você pode propor ao grupo a leitura compartilhada e em voz alta da “Apresentação”, escrita por Mauricio Negro. Alguns aspectos trazidos pelo ilustrador e organizador podem ser discutidos com a turma nesse momento:

- a presença marcante da diversidade linguística no território brasileiro (e para além de suas fronteiras);
- o lugar que ocupam as histórias no processo de socialização entre as gerações mais velhas com as mais novas;
- a legitimidade dessa obra do ponto de vista temático, narrativo e de autoria;
- a polissemia presente no título do livro;
- o motivo de o organizador e ilustrador chamar os povos indígenas de “povos nativos”, “povos originários” e “gente da terra”;
- a concepção de mundo apresentada pelo ilustrador e organizador;
- as condições sociais em que vivem muitos desses povos na contemporaneidade.

Caso deseje aprofundar essa conversa com os estudantes, recomenda-se a leitura da reportagem sobre a obra no *Portal Lunetas*, intitulada “Antologia de literatura indígena reúne histórias de dez etnias” (PENZANI, 2019).

PÓS-LEITURA

Para este momento, sugerimos tecer conexões com a conversa inicial. É possível que a turma se indague por que essas narrativas estão ausentes ou circulam de forma incipiente nos espaços escolares. Ou por que ainda hoje persistem estereótipos negativos em torno de pessoas indígenas. A depender do contexto, pode ser que os próprios estudantes expressem pensamentos e atitudes estereotipadas.

Orientamos que você se prepare para esses momentos de interação. Isso exigirá, por um lado, escuta real e aberta e, por outro, que você os mobilize a pensar criticamente sobre pretensas “verdades” que representam imaginários cristalizados no senso comum.

Indagá-los sobre a origem de um posicionamento é uma estratégia importante. E uma

alternativa é pedir que as demais pessoas manifestem seus sentimentos em torno do assunto. Dessa forma, é possível que os estudantes percebam o quanto suas ideias estão ancoradas em argumentos e fatos ou representam repetições infundadas.

Vale lembrar que essas discussões não se esgotam em uma aula. Mediante posições que reflitam estereótipos ou até mesmo diante de problematizações trazidas pelos estudantes, será necessário que você “recolha” na voz deles a “argamassa” para o estudo e o planejamento da obra, pensando em intervenções pedagógicas para desestabilizar paradigmas que traduzem construções históricas e sociais. Com base nisso, você pode escolher materiais, acervos e outras estratégias pedagógicas (como conversas com membros da comunidade que façam parte de movimentos indígenas) que o auxiliem nessa tarefa.

O fundamental é não negligenciar o racismo contido nas interações entre a turma. Como a escola consiste num importante espaço de construção de conhecimentos e sociabilidade, é preciso se preparar para lidar com assuntos complexos e difíceis.

Outro ponto essencial é cuidar para, durante o debate, não expor estudantes indígenas que eventualmente façam parte do grupo. Às vezes, com o intuito de confrontar o racismo, é comum que certas intervenções acabem por reproduzi-lo, gerando sentimentos de constrangimento, culpabilização e inferiorização nesses estudantes.

Pelo contrário, é fundamental que o processo pedagógico retroalimente perspectivas em que esses estudantes reconheçam seu valor — caso isso não esteja ocorrendo —, de forma que a identidade deles seja potencializada, assim como o grupo étnico-racial do qual fazem parte (caso tenham acesso a essa informação).

Além disso, a turma deve reconhecer positivamente essa experiência de contato com a diversidade de conhecimentos e repertórios culturais que constituem as matrizes ameríndias, e também se indagar e confrontar as imagens que representam formas estereotipadas.

Você pode conversar com a turma sobre os índices que compõem essa antologia (recontos, verbetes, glossários, biografias e ilustrações), refletindo com eles por que essa é uma obra que acolhe todos esses elementos. Qual será a função de cada um desses tipos de texto na composição do livro?

Nesse momento vocês podem combinar como farão as leituras compartilhadas dos recontos, nas aulas seguintes. Recomendamos que eles sejam lidos progressivamente, um ou dois por aula, porque além do reconto há diversas informações a explorar: o verbete, o glossário, a biografia dos autores de cada reconto e as ilustrações.

Organize com a turma um cronograma com datas e propostas de atividades a serem feitas em grupos. Vocês podem fazer uma distribuição equilibrada dos recontos, de maneira que todos possam se organizar e autogestionar seu processo de estudo, e também combinar se os títulos serão lidos linearmente ou se será adotada outra sequência de leitura.

Para os momentos de leitura compartilhada, recomendamos que você providencie um mapa da América Latina e etiquetas coloridas (ou outro material acessível) para assinalar

com a turma as regiões do país (e para além de suas fronteiras) em que se encontram os povos indígenas que aparecem no livro.

ATIVIDADE 2: UMA IMERSÃO NA OBRA

Destacam-se neste conjunto de atividades as habilidades EF69LP44* e EF69LP53** da BNCC, que prevêem o reconhecimento das visões de mundo inscritas em textos literários e a leitura de textos literários diversos em voz alta.

PRÉ-LEITURA

Você pode selecionar imagens, vídeos curtos, reportagens e outros materiais relacionados aos povos indígenas cujos recontos serão lidos. Essa é uma maneira de aproximar os estudantes de aspectos sociais, geográficos, culturais, linguísticos, artísticos, espirituais, simbólicos e afetivos de cada povo.

Dialogar sobre esses elementos permitirá uma compreensão mais ampla acerca da pluralidade cultural da obra, além de auxiliar os estudantes a observarem algumas similaridades entre os povos. Exemplos de aspectos comuns entre alguns povos:

- lutas e resistências em relação a certas agendas de direitos humanos;
- localização territorial;

* (EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção (BRASIL, 2018, p. 157).

** (EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de *audiobooks* de textos literários diversos ou de *podcasts* de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão (BRASIL, 2018, p. 157).

- proximidades entre suas concepções de mundo;
- formas de organização social;
- partilha de um mesmo tronco linguístico;
- práticas espirituais e ritualísticas;
- tinturas para pinturas corporais (a exemplo de jenipapo, urucum e carvão).

As similaridades ficam bastante evidentes nos verbetes do livro, ao passo que suas singularidades também se evidenciam, por exemplo, nos grafismos que aparecem em cada reconto. Convém chamar a atenção da turma para esse elemento gráfico e ampliar o olhar para outros grafismos desses e de outros povos.

Para esse momento, recomendamos trazer visualidades, musicalidades e narrativas a partir das vozes e experiências dos próprios indígenas, para que esses corpos — ainda invisibilizados no imaginário social brasileiro nos dias de hoje — possam habitar lugares no cotidiano da escola, caso isso ainda não aconteça.

LEITURA

Para os momentos de leitura compartilhada e em voz alta a ser feita pelos estudantes, é importante observar se os ouvintes estão conseguindo acompanhar a leitura feita pelo colega.

Uma sugestão de trilha para a leitura dos recontos:

- Leitura integral do reconto, feita pelos estudantes de forma compartilhada e em voz alta. Se for necessário, pode-se repetir a leitura, já que se trata de narrativas curtas. É importante que a turma seja incentivada a pronunciar as palavras que aparecem em língua materna de cada povo e que busque consultar a tradução no glossário.
- Conversa em torno das chaves de leitura que aparecem nos recontos. Ao estudar previamente o texto, você reconhecerá alguns aspectos interessantes a serem discutidos com a turma. Por exemplo:
 - as representações humanas transfiguradas em outros seres, como no conto balatiponé umutima, em que os personagens humanos Meni e Hari são, respectivamente, o Sol e a Lua;
 - a linguagem conotativa para marcar a transição do tempo e das paisagens, como no reconto que narra o tempo a partir da imagem do rio que corre, também do povo balatiponé umutima;
 - a presença de linguagem poética, presente na forma como o escritor Cristino Wapichana ambienta o leitor na narrativa contando sobre como as serras trouxeram “os olhos das águas das profundezas” (p. 69), no reconto taurepang;
 - a integralidade entre ser humano e natureza, a exemplo do reconto de amor do povo kayapó;

- os indícios que sugerem que o reconto se passa no tempo presente, algo que fica inscrito no reconto kayapó;
- as formas de narração dos recontos, que variam entre primeira e terceira pessoa;
- as intertextualidades com contos tradicionais bastante difundidos no Brasil, como notamos nos recontos do peixe-boi (Maraguá) e do jabuti e da onça-pintada (Pirá-tapuya waikhana).
- Diálogos sobre elementos culturais podem ser ressaltados nessa conversa, como o grafismo de cada povo que vem logo abaixo do título do reconto e cerimônias, rituais e simbologias que eventualmente não sejam conhecidos pela turma.
- Reconhecimento de regularidades e diferenças nas maneiras como os autores narrram as histórias.
- Observação sobre como são construídos os personagens, seus enredos, o clima, o cenário, o contexto e os sistemas de valores em que se desenrolam as narrativas.
- Conversa sobre os elementos que aparecem no verbete.
- Conversa sobre os elementos que aparecem na biografia dos autores. É interessante pesquisar, por exemplo, a atuação deles na cena literária.
- As marcas da narrativa visual de Mauricio Negro e a maneira como conversam com os recontos. Podem ser elementos de observação: o rio como elo entre os recontos; a metáfora do tempo inscrita nesse tipo de imagem; a mudança do tempo entre alvorecer, entardecer e anoitecer indicada pela luminosidade, bem como pela passagem do sol e da lua; a transição da paisagem às margens do rio; a imagem estática como síntese iconográfica de cada povo indígena etc.
- Discussão em torno da abordagem de gênero: o que os recontos deflagram sobre o lugar da mulher nas diferentes sociedades indígenas? Particularmente no que se refere ao casamento como decisão externa à mulher indígena e ao seu sacrifício em nome do bem coletivo.
- Reflexão sobre o ato violento presente nas páginas 107-108 do livro. A depender da trajetória da turma, pode ser importante destacar essa passagem reforçando que a primazia da experiência social e coletiva humana deve ser o respeito, e que do ponto de vista ficcional os estudantes precisam imergir no texto imbuídos de discernimento e percepção crítica sobre esse tipo de atitude. Se possível, realize essas leituras em formatos circulares (roda), em locais mais abertos e em contato com a natureza. Transcender os limites físicos da sala de aula e as margens da materialidade física do livro, ocupando outros locais da escola e/ou da comunidade em que haja uma natureza viva, pode permitir outras sensações aos leitores.

PÓS-LEITURA

Nesse momento, é possível aprofundar com a turma a apreciação dos elementos culturais dos recontos, bem como alguns elementos estilísticos dos autores.

Uma ideia é propor um registro para organizar visualmente aspectos que se destacaram nas leituras e nos estudos inspirados pela obra. Os estudantes podem fazer isso de maneira compartilhada. Alguns exemplos de tópicos:

- elementos mais constantes no livro e que o identificam como antologia de recontos;
- elementos dos recontos que indiquem sua aproximação com o gênero mito;
- semelhanças e diferenças quanto aos elementos culturais dos povos indígenas que aparecem no livro;
- semelhanças e diferenças quanto aos estilos dos autores;
- relação entre imagem e texto;
- aspectos que se destacaram nas biografias dos autores;
- aspectos que se destacaram nos verbetes.

A partir desses tópicos, vocês podem organizar outras rodas de conversas, com uso de materiais variados, para aprofundar o estudo dos elementos culturais e estilísticos da obra.

ATIVIDADE 3: NÓS: UMA ANTOLOGIA DE LITERATURA INDÍGENA E OS CONHECIMENTOS QUE SE RAMIFICAM

Este conjunto de atividades relaciona-se com a habilidade EF69LP49* da BNCC, que corresponde à manifestação de interesse dos estudantes por textos que apresentem desafios e rupturas com o universo de expectativas sobre a obra e suas marcas linguísticas. Também é uma oportunidade de desenvolver a habilidade EF69LP55**, que se refere ao reconhecimento das variedades da língua falada.

PRÉ-LEITURA

Considerando o percurso trilhado com os estudantes até aqui, proponha que, em pequenos grupos, façam a leitura compartilhada da entrevista “Dos vários nós que enredam as lite-

* (EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor (BRASIL, 2018, p. 159).

** (EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico (BRASIL, 2018, p. 161).

raturas indígenas”, em que Mauricio Negro fala da relevância da obra e de seu processo de criação (DOS VÁRIOS NÓS..., 2019).

Você pode orientá-los a sublinhar no texto, durante a leitura, aspectos que eles gostariam de discutir com o grupo. Podem ser pontos de observação da turma: como a obra foi idealizada, o processo de seleção dos recontos, o processo criativo do ilustrador e a técnica que ele usou, entre outros.

Em seguida, nos mesmos grupos, os estudantes podem fazer a discussão do que destacaram e socializar posteriormente com toda a turma.

LEITURA

A proposta é selecionar alguns recontos para serem lidos novamente, mas de um jeito diferente. É que alguns deles podem muito bem ser lidos apenas com os ouvidos. Um bom exemplo é a narrativa taurepang “Wató, a pedra do fogo”.

Assim, que tal propor uma situação em que a turma feche os olhos enquanto você conta a história? Será que isso permitirá outro tipo de apreensão da narrativa? Esse conto taurepang é bastante imagético: há uma casa que “parecia até ter vida própria” e que “todas as manhãs, quando amanhecia” estava “oculta numa bola de fumaça”. E por isso “ninguém ousava se aproximar dela” (p. 70).

PÓS-LEITURA

Para este momento, sugerimos duas situações de rodas de leitura. Na primeira, selecione alguns títulos de contos indígenas disponíveis na escola. Se for viável, os estudantes podem auxiliar nessa seleção.

Feito isso, organize uma roda com as obras, propondo aos estudantes que escolham livremente os títulos para leitura autônoma — que pode ser individual, em duplas ou trios. Depois da leitura, abre-se a roda para que os estudantes comentem sobre suas escolhas, o que acharam dos títulos lidos e se recomendariam a leitura a outras turmas.

É provável que eles observem que há poucos livros com essa temática na escola ou ainda que encontrem livros com estereótipos dos povos indígenas. Além de isso ser importante para discussão, é uma maneira de compreenderem, com base numa situação real, a necessidade de ampliar o acervo da escola. Em seguida, que tal fazerem uma pesquisa de títulos interessantes, de forma colaborativa, endereçando essa demanda para o conselho escolar — ou outro mecanismo representativo nas tomadas de decisão —, a fim de incluir obras indígenas nas futuras aquisições da biblioteca?

Para a segunda roda de leitura, recomendamos a leitura de um livro curto de conto indígena bilíngue ou polilíngue, ou seja, que o texto apareça integralmente na língua materna de seu povo com sua tradução para o português. Uma sugestão é *Taynôh*, de Aline Pachamama. Escrita em quatro línguas (a’uwé, povo xavante; macro-jê, povo guarani mbyá

— tupi; português; espanhol) a obra narra a trajetória de um menino de cem anos, o que indica o crescimento de uma criança ou o crescimento interno dos próprios adultos, como sugere a autora.

Possibilidades interdisciplinares

Essa antologia suscita muitas possibilidades de interação com outras áreas do conhecimento, em especial, com as Ciências Humanas. Destacam-se aqui os componentes curriculares de Língua Portuguesa, História, Geografia e Arte.

Sugerimos que se organizem na escola encontros com contadores de histórias indígenas locais. Para isso, é preciso pesquisar aldeias ou comunidades indígenas, saber como elas estão organizadas, quais são suas lideranças, se costumam interagir com grupos escolares e quais são os meios mais adequados de entrar contato com elas. A depender do contexto, pode haver na própria escola estudantes ou profissionais que morem na região de comunidades indígenas. Além de trabalhar a quarta competência específica de Ciências Humanas*, por ampliar as descobertas dos jovens em relação às diferenças pode ser uma oportunidade de o professor de Geografia desenvolver a habilidade EF07GE03**, relacionada às territorialidades dos povos indígenas originários.

Refletir sobre o que se deseja com esse(s) encontro(s) também é algo importante, pois não é adequado estabelecer relações movidas apenas por curiosidade instantânea. Portanto, ressaltamos a importância de conversar sobre esse aspecto com o grupo e de haver abertura e disponibilidade interna para propor esses momentos de compartilhamento.

A partir daí, é possível planejar o convite: algum dos professores da escola entrará em contato? O grupo escreverá uma carta ou produzirá um áudio explicando a proposta? (Isso poderia ser feito sob orientação do professor de Língua Portuguesa ou de Arte, por exemplo.) Enfim, é preciso definir a forma mais acessível para essa comunicação, sempre lembrando a importância de uma abordagem respeitosa e acolhedora.

Caso essa proposta não seja viável, propomos uma curadoria de vídeos da internet com contadores indígenas de diferentes etnias, envolvendo assim, entre outras, a habilidade

* 4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 357).

** (EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades (BRASIL, 2018, p. 387)

EF69AR34*, que favorece a construção de um repertório que valoriza a diversidade do patrimônio cultural brasileiro. Há vídeos bem interessantes disponíveis. Com isso, você pode organizar uma agenda cultural com sessões de narrações orais indígenas abertas à comunidade escolar.

Sugerimos que os estudantes participem ativamente dessa organização. Eles podem assistir aos vídeos antes e fazer as sinopses para a programação, além de ficarem responsáveis pela divulgação do evento. Uma ideia é apresentar a proposta às demais turmas da escola e explicar que ela é fruto de um estudo da obra *Nós: uma antologia de literatura indígena*. No dia da exibição das sessões, os estudantes podem contar ao público o caminho que trilharam. É uma oportunidade de trabalhar de forma colaborativa a habilidade EF69LP46**, que trata de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, e a habilidade EF69AR35***, por envolver os estudantes no uso de diferentes recursos digitais.

Sugerimos avaliar as formas de participação da turma nessa proposta e, se possível, organizar as ideias e as responsabilidades a partir de um planejamento compartilhado com os estudantes. Ter o apoio de outros agentes da escola e de professores de outros componentes curriculares também pode favorecer muito esse mergulho na literatura indígena.

* (EF69AR34) Analisar e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas (BRASIL, 2018, p. 211).

** (EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, fanzines, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs (BRASIL, 2018, p. 211).

*** (EF69AR35) Identificar e manipular diferentes tecnologias e recursos digitais para acessar, apreciar, produzir, registrar e compartilhar práticas e repertórios artísticos, de modo reflexivo, ético e responsável (BRASIL, 2018, p. 211).

Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura.** São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 15 ago. 2022.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos.** Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: https://bit.ly/TCT_BNCC. Acesso em: 12 jul. 2022.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

Em um dos ensaios deste livro, o autor tece análises sobre elementos que são constitutivos do gênero conto.

DOS VÁRIOS NÓS que enredam as literaturas indígenas. **Blog da Letrinhas.** São Paulo, 26 set. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/DosVariosNos>. Acesso em: 19 jul. 2022.

Entrevista em que Mauricio Negro discorre sobre a relevância da obra *Nós: uma antologia de literatura indígena* e também sobre seu processo criativo.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

A obra tece críticas à ideia de humanidade como centro do planeta e como instância separada da natureza. E fala sobre a necessidade de reconhecer a diversidade como ressignificação da existência humana capaz de frear nossa marcha rumo ao abismo.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan.-abr. 2002. Disponível em: bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 2 ago. 2022.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário.** Prefácio: Emilia Ferreiro. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Quais são as tensões envolvidas no ensino da leitura e da escrita na escola? A pesquisadora argentina explica aos educadores o que precisa ser ensinado para formar leitores e escritores de fato. Para isso, oferece exemplos de propostas de leitura e escrita.

PENZANI, Renata. Antologia de literatura indígena reúne histórias de dez etnias. **Portal Lunetas**. São Paulo, 23 set. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/AntologiaIndigena>. Acesso em: 7 ago. 2022.

Entrevista com Mauricio Negro sobre a obra *Nós: uma antologia de literatura indígena*.